

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
7 e 28 de Agosto de 2023
TECHNICOLOR – O ESPLENDOR DA COR

DOWN AMONG THE SHELTERING PALMS / 1952

Um filme de Edmund Goulding

Argumento: Claude Binyon, Albert Lewin e Burt Styler, a partir do conto “Paradise with Serpent”, de Edward Hope / *Diretor de fotografia* (35 mm, **technicolor**): Leon Shamroy / *Coreografia:* Seymour Felix / *Cenários:* Leland Fuller, Lyle Wheeler / *Figurinos:* Travilla / *Música:* Leigh Harline; as canções “Down Down Among the Sheltering Palms” e “All of Me”, cantadas por Gloria DeHaven; “The Drum Chant” e “What Make De Difference”, por Mitzy Gaynor; “Who Will it Be When the Time Comes?”; “I Am a Ruler in a South Sead Island”, por William Lundigan e David Wayne / *Montagem:* Louis Loeffler / *Som:* não identificado / *Interpretação:* William Lundigan (*Capitão Willoby*), Jane Greer (*Diana Forrester*), Mitzy Gaynor (*Razoulla*), Gloria DeHaven (*Angela Toland*), David Wayne (*Tenente Schmidt*), Gene Lockhart (*Reverendo Edgett*), Billy Gilbert (*Rei Jillouli*) e outros.

Produção: Fred Kohlmar para a Twentieth Century FoxLeigh / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 90 minutos / *Estreia mundial:* Londres, 8 de Maio de 1952 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

A sessão de dia 28 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos. Devido à impossibilidade de corte da cópia cedida e ao facto de ser projetada na esplanada (onde só existe um projetor), esta teve de ser montada em bobines grandes, pelo que haverá, entre os rolos, uma ponta a negro.

Down Among the Sheltering Palms é um estranhíssimo objeto cinematográfico, tanto por aquilo que é como por aquilo que não é, pois em momento algum o filme é aquilo que logicamente deveria ter sido - uma comédia maluca recheada com canções - pois devido à impressionante falta de ideias visuais e de convicção por parte dos seus responsáveis. Trata-se no entanto de uma produção de uma *major* americana, a Fox, na qual nada menos de três argumentistas trabalharam na adaptação do conto que serviu de base para tudo, entre os quais Albert Lewin, protótipo do esteta um tanto deslocado em Hollywood e realizador de **Pandora**. A realização foi confiada ao veteraníssimo Edmund Goulding (ativo em Hollywood desde 1916 e que realizou o seu primeiro filme em 1925), que ficou na história do cinema por ter realizado o medíocre **Grand Hotel** (célebre por reunir Greta Garbo e Joan Crawford), além do esplêndido melodrama **Dark Victory** e do igualmente esplêndido *filme negro* **Nightmare Alley**, entre muitos outros filmes. Goulding é o protótipo do pau para toda a obra, uma figura típica do cinema industrial, cujos êxitos e fracassos são sempre o resultado de um trabalho de equipa e de um sistema.

E em **Down Among the Sheltering Palms** o sistema girou um pouco no vazio, como uma máquina que é posta em funcionamento mas manufatura muito pouco. E no entanto estavam reunidos todos os elementos para uma *screwball comedy*, uma comédia maluca, género que teve o seu apogeu nos anos 30 e em que a ordem de uma instituição ou de uma família respeitável é virada de pernas para o ar, antes de tudo voltar (quase) ao normal. E aqui a instituição cuja ordem é abalada é aquela cuja obsessão com a ordem é a maior: o exército onde as regras não podem ser contestadas por mais ilógicas que sejam. A trama narrativa tece mais uma variação sobre a “guerra dos sexos”: um

grupo de militares americanos que ocupa uma ilha do Pacífico Sul é proibido de ter contatos com os “nativos” mas estes, sobretudo as mulheres, estão interessadíssimas em conhecer de perto os americanos. Um grupo de homens puritanos diante de mulheres livres, em que um cenário paradisíaco transforma-se num inferno, é uma boa situação de comédia, com o tempero suplementar do *vaudeville* militar e uma série de canções, potencialmente capazes de tornar a situação ainda mais delirante.. A receita é boa e de eficácia comprovada, mas deste vez os ingredientes foram demasiado fracos e a convicção dos que prepararam o “prato” quase inexistente. Todas as situações narrativas adequadas e propícias são reunidas, mas nunca levadas realmente a cabo, murchando antes de desabrocharem. Uma *screwball comedy* tem, por natureza, um ritmo desenfreado e as partes narrativas de uma comédia musical também costumam ser expeditivas e claras, nelas há sempre um sentimento de urgência. Em **Down Among the Sheltering Palms**, que em tese pertence a estes dois géneros, passa-se exatamente o contrário: a pura e simples falta do ritmo narrativo adequado anula os efeitos procurados, o que é ampliado pela pobreza franciscana dos cenários. No entanto, os argumentistas elaboraram uma narrativa que tem alguma complexidade, como se constata pelo facto do protagonista masculino (que fala como um autêntico imitador de John Wayne), estar às voltas com três mulheres, uma aborígine que lhe foi imposta e duas americanas, uma “boa” e uma manipuladora (o momento em que esta última, encarnada por Jane Greer, apresenta-se aos *boys* é sem dúvida o melhor do filme, pois a atriz extrai o máximo da situação). Esta situação suscita bem-vindos quiproquós e mal-entendidos, mas estes não são explorados e o filme resulta numa espécie de amostra do que poderia ter sido.

Resta o uso da cor, mais exatamente do Technicolor, que é o ponto de interesse do filme e justifica a sua inclusão neste ciclo. O Technicolor é o mais espalhafatoso sistema de cor do cinema clássico, carregando nas cores e no contraste entre elas, numa mistura extravagante de artifício e busca do “natural”. É exatamente o que não se passa neste filme, cujo responsável pela imagem, Leon Shamroy era um dos profissionais mais reputados da sua geração (foi o responsável pelo primeiro filme em cinemascope, **The Robe** e recebeu o seu primeiro Oscar em 1942 com o célebre filme de piratas **The Black Swan**) e é um tanto estranho que tenha participado de uma produção tão deficiente. Aqui o uso da cor é discreto, exceto em certas passagens em grandes planos que percorrem o rosto de Jane Greer, acentuando o contraste entre o vermelho do batom e a pele muito branca do rosto, naquele que é o momento mais memorável do filme. Isto indica que um grande técnico pode aproveitar-se mesmo do filme mais banal para experimentar novos efeitos.

Antonio Rodrigues